

toda-parte

elisabeth ferroni

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

Autoria

HELENA, CASA COMIGO?

De poste a poste, amanheceu esticado na frente da Igreja da Sé. Virou assunto das liturgias, dos comentários e das *selfies* naquele domingo genérico de transeuntes ecumênicos.

Quem seria “a” Helena, perguntavam-se excitadas e curiosas as bem-casadas. Sentiam-se renovadas em fetiches e dopamina.

Para as solteiras e insatisfeitas, a faixa tocou em feridas geminianas e despertou inveja, não atenuada pelos três sinais da cruz em passo corrido pela praça.

Que foi um gesto romântico, concordavam todas.

Helena deve ser uma mulher madura, culta, importante, diziam algumas com o imaginário na beleza troiana.

O nome está voltando a ser usado, deve ser uma garota difícil, mimada talvez, diziam outras. Nas escolas particulares são chamadas pelos sobrenomes.

Sortuda, com certeza, afirmavam todas. Afinal, um convite como esse não se vê todos os dias.

Nos escritórios da vizinhança, as raras Helenas passaram a ser conhecidas por todos os frequentadores do bairro. Desde a diretora de RH da firma de advocacia, à Dona Helena, do cafezinho da loja de departamentos, passando pela Leninha cabeleireira. Esta última, nem Helena ou bonita era, mas gostou da atenção e da ideia de romance platônico e nutriu o suspense sob os holofotes indiscretos. Afinal, quer atmosfera mais fofoqueira que um salão de beleza?

O Padre Reginaldo prometeu diante das beatas e com velas acesas que celebraria tal casório.

A semana foi tomada por instabilidades, agitação, ruídos e expectativas. Sol, excursão escolar, piquetes, chuva forte, turistas japoneses, feira de artesanato e noites frias. As letras azuis Bodoni printadas pela paixão misteriosa resistiam aos *flashes*, às rajadas de vento, aos maus-olhados e aos dias bem molhados.

Tão logo o desgaste começou a ser notado no morim branco, as indagações se voltaram à autoria da súplica contundente, misteriosa e pública.

Sem dúvidas, um amor insistente, comentavam os ambulantes e o pipoqueiro. Já os velinhos preferiram seguir atentos à dama dos tabuleiros. Que disparate é esse! bufavam entre jogadas.

Surgiram indagações se o pedido era original, ou se já havia sido feito pessoalmente à Helena que, indecisa, fugia desse amor.

Nas redes sociais, #aceitahelena viralizou. De tantas visualizações e postagens, o acontecimento passou a atrair jornalistas. Primeiro, de jornais locais, populares, que se puseram a divulgar chamadas apelativas por Helena.

Um comerciante de sapatos colocou na vitrine uma sandália dourada, sem salto, com tiras compridas para amarrar na canela. O produto esgotou em 3 dias! Os *self-services* da praça incluíram a salada grega no cardápio e a padaria lançou um novo pão. De crosta estaladiça, perfumado com sementes de sésamo, textura macia e de cor dourada pela presença da farinha de milho no seu preparo, o pão atraiu novos fregueses.

Logo, foi a vez de um telejornal, que colocou no ar uma série de entrevistas com os frequentadores da eucaristia, com as secretárias dos escritórios, com os curiosos que se juntavam em vigília e com o escrivão do cartório civil da região. Muitas indagações e várias certezas sem comprovação regadas a cenas clássicas de casamentos, intervaladas por anúncios de joalherias, floriculturas e antiácidos.

O movimento turístico aumentou com a mesma inclinação que a degradação do traçado do pedido.

Em uma manhã de segunda-feira, os garis terminaram mais cedo a coleta dos descartáveis, latas de cerveja, restos de comida, *flyers* de propaganda e anúncios de cartomantes que cobriam gramados e entupiam as sarjetas. Tomaram emprestado uma escada comprida da loja de material de construção e deram um jeito para amarrar as pontas soltas e remendar os rasgos do tecido. Helena precisa responder

logo! rogavam em devoção à beleza daquela praça e ao amor que ocupava a atenção de todos.

Um mês! Exatamente após 30 dias ter sido afixada, a praça amanheceu sem a faixa. O pedido de casamento não estava mais lá. No lugar, um painel de anúncio, pequeno, um por um e trinta, com uma foto colorida. Nela, um casal, de costas, no altar do padre Reginaldo.

Moça branca da cidade

Wekanã tenta mergulhar a cabeça, limitado pelas boias de braço que coloco todas as manhãs, receosa de que meu filho se afogue em mar sem ondas. O esforço vale a pena pelo sorriso que me devolve. Pele morena avermelhada, olhos grandes pretos, cabelo preto liso, franja curta. Corte tipo tigela, era como eu e minhas colegas de faculdade costumávamos chamar aquelas cabeças indígenas na primeira vez que cheguei por aqui.

Cinco verões atrás. Quatro garotas universitárias deixaram Ouro Preto em direção a 45 dias de férias perfeitas. Sexo, drogas e forró, porque as únicas pedras rolando por aqui são as dos rios Caraíva e Corumbau. O portão para o acesso ao camping dava na rua do rio, onde mulheres e crianças pataxós estendiam artesanatos e sorrisos.

Passados dois ou três dias, eu conhecia de nome poucas sementes dos colares coloridos e de algumas crianças. Kathueli me encantou. Uma longa trança que chegava às

escápulas, curiosa, falante, gostava de abraçar e de contar histórias da família. Os Braga. Sobrenome adotado há duzentos anos. Fomos conhecê-los. Dona Helena, a anciã que confecciona os colares que a neta vende, sentava de cócoras terminando de tingir de verde o tento. Ela se levantou e sua cabeça dava no meu peito, me surpreendi com a baixa estatura. Irauã, um moço alto que chegava molhado do mar, retirou 4 cocos e nos ofereceu a pedido da mãe. Uma pressão nauseante na barriga quando nos olhamos. Bebi a água engasgando que nem peixe com anzol na boca. Irauã é pescador e marido. Nos casamos no final do mesmo ano, em cerimônia conduzida pelo pajé.

Grávida e universitária, nos instalamos em um quarto maior na república perto da faculdade de geografia. Seis meses de gestação e dois anos de curso pela frente. A configuração funcionou até que Wekanã completou um ano. Apesar de ter se interessado pelo estudo das ciências naturais, assim que terminou o curso técnico na mesma universidade, Irauã decidiu voltar para a aldeia. Não se acostumou com a comida, as noites barulhentas, o tórax vestido e a ausência do mar. Eu percebia seu olhar zanzo e perdido. Aquele não era seu lugar.

Ficamos mãe e filho por mais um ano antes de nos unirmos aos Braga. Quando voltamos à aldeia, Irauã já tinha levantado quarto, sala e banheiro, sem forro, mas com energia elétrica. A cozinha é comunitária. Mas quem comanda é Dona Helena. Três meses depois, fiz levantar cozinha e uma

pequena área de serviço. Mandei trazer máquina de café e de lavar roupa.

A moça-branca-da-cidade foi como me chamaram durante o primeiro ano. Não pude fazer nada quanto à cor, minha pele arde ao sol. Nado com camiseta de mangas longas com proteção ultravioleta. Mas pedi que adotassem meu nome, Carol.

Acostumei fácil com o céu estrelado, o barulho do mar, a maternidade em tempo integral, o peixe com farinha de mandioca. Sinto falta das verduras. Não pertencem a esta terra arenosa e quente.

Nas grandes rodas festivas, os mais velhos falam em patxohã. Ainda não aprendi. Tampouco o artesanato. Não quis. Pelo menos ainda.

Na vila chegaram o álcool destilado e as drogas. As coisas-feias-da-cidade. Duas mortes mês passado, uma de cada. Irauã bebe todos os dias, já quase não sai para pescar e quando vai mar adentro, sua pesca não paga a gasolina.

Pirata late.

Minha atenção emerge do mergulho.

Sou peixe fora d'água.

No mar, meu filho é a única criança usando boia.

CONTATO:

beth.ferroni@gmail.com

@in_pautas

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em ITC New Baskerville
Std pela Editora Penalux e impresso em
papel off-white 80 g/m², em julho de 2023.
